

EDUCAÇÃO FINANCEIRA E AS DECISÕES DE INVESTIR

doi.org/10.23925/2595-4865.2023v1n17.60493

Resumo

Este artigo buscou identificar como a educação financeira influencia (ou não) as decisões de um grupo de pessoas em investir. Para cumprir com o objetivo proposto foi elaborado um questionário direcionado a indivíduos maiores de 18 anos com perguntas sobre investimentos e educação financeira, o questionário ficou disponível no segundo semestre de 2021. Foram obtidas o total de 117 respostas válidas, analisadas por meio da estatística descritiva. Observa-se que alguns respondentes do estudo apresentam algum tipo de conhecimento sobre investimentos, mencionando os riscos dos investimentos. Parte da amostra demonstra não ter conhecimento, não investir e não realizar pesquisas a respeito.

Palavras-chave: Educação Financeira, Investimentos. Investidor.

Abstract

This article sought to identify how financial education influences (or does not) the decisions of a group of people to invest. To comply with the standard objective, a targeting of individuals over 18 with questions about investments and financial education was prepared, the test became available in the second half of 2021. It should be noted that some interviewees in the study have some kind of knowledge about investments, mentioning investment risks. Part of the sample demonstrates not having knowledge, not investing and not carrying out research about it.

Keywords: Financial Education, Investments. Investor.

Introdução

Desde o início do século XXI um dos movimentos na área da educação que tem ganhado notoriedade versa a respeito da necessidade de competências para a educação financeira. Incentivados pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e pela crise econômica de 2008, diversos países tem buscado avançar na disponibilidade de conhecimentos nesta área para a sua população, não somente no ensino básico, mas para todos os níveis de escolaridade (SARAIVA, 2017).

No contexto brasileiro, a educação financeira apresenta um *déficit* em relação aos demais conhecimentos obtidos pela população brasileira, o que resulta em uma preparação inadequada para lidar com dinheiro e, conseqüentemente, causa o endividamento da população. Uma pequena parcela dos brasileiros tem acesso ao aprendizado sobre educação financeira por meio das organizações financeiras e não do sistema educacional (LELIS, 2006; SARAIVA, 2017).

O sistema educacional do Brasil não possui em seus conteúdos os ensinamentos base a respeito da economia. A vista disso, uma parcela da população tem dificuldades na tomada de

decisões que envolve recursos financeiros (Lelis, 2006). Em 2010 houve a implantação por meio da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), a Educação Financeira (EF) nas escolas do país. O programa completou mais de uma década de implantação e alguns avanços podem ser vistos no pensamento crítico a respeito das finanças pessoais (CORDEIRO, COSTA, SILVA, 2018).

Desta forma, ampliou-se o debate a respeito da necessidade de preparar a população jovem para lidar com suas finanças e tomar decisões que maximizem sua riqueza (VIEIRA, MOREIRA JUNIOR, POTRICH, 2019). O controle financeiro tem maiores chances de se tornar natural quando ensinado na formação básica, a consciência a respeito dos gastos e receitas nessa etapa da vida proporciona ao indivíduo adulto se adaptar e assumir a responsabilidade em administrar suas finanças, bem como evitar investimentos que o direcionem para perdas ou golpes (MEDEIROS, 2003).

No contexto dos investimentos e a sua interface com a educação financeira, o mercado financeiro incorpora uma das ilegalidades denominada de pirâmides financeiras. Trata-se de um modelo comercial não sustentável, capaz de gerar uma renda provisória em um determinado período de tempo. As pirâmides se caracterizam pelo recrutamento de pessoas para “base da operação”, as quais garantem a geração de lucros para os indivíduos que se encontram no topo da pirâmide. Este modelo se enquadra no quesito de crimes contra a economia popular, conforme a lei nº 1.521 de 26 de dezembro de 1951, apresenta um aumento na incidência de casos no território brasileiro, e em escala mundial.

Diante do exposto, observa-se uma lacuna em relação as decisões de investimento que envolvem as pirâmides financeiras e a educação financeira: como a educação financeira influencia (ou não) as decisões de um grupo de pessoas em investir ou não?

Este estudo se justifica a partir da necessidade de ampliar as discussões a respeito da temática dos investimentos em pirâmides e educação financeira. Neste sentido, é possível contribuir para as discussões a respeito da educação as competências para os investimentos, demonstrando a percepção da ausência de conhecimentos a respeito de investimentos para pessoas físicas. Por fim, este estudo busca contribuir para compreensão das pirâmides como um golpe financeiro que pode ser evitado por meio da conscientização educacional na população.

A presente pesquisa está estruturada da seguinte forma, após esta introdução encontra-se o referencial teórico, seguido da metodologia, posteriormente coleta e a análise dos dados, e por fim as considerações finais e a referência.

Referencial Teórico

Nesta seção encontra-se o referencial teórico deste estudo, dividida em duas subseções, a saber: educação financeira e pirâmides financeiras.

Educação Financeira

O termo educação financeira se refere a capacidade de crítica de compreender a alocação do dinheiro que produza resultados planejados, caracterizado pelo emprego de competências que auxiliam na tomada de decisões no sistema capitalista em que a população se encontra (FERREIRA, 2017).

O conhecimento a respeito da educação financeira é de extrema importância para o entendimento e elaboração de práticas de investimentos, por exemplo, como orçar e gerar renda, poupar e investir para gerar mais riqueza. O desenvolvimento dos mercados financeiros, globalização, tecnologias e acesso à informação trouxeram a praticidade em encontrar informações e ferramentas tecnológicas que facilitam a busca de informações financeiras, em especial nos últimos anos (OCDE, 2004).

A tecnologia, bem como alterações de regulamentações e econômicas, fazem com que a educação financeira se torne cada vez mais complexa e, por vezes, esquecida no sistema educacional brasileiro (FERREIRA, 2017; SARAIVA, 2017). A falta de conhecimento das decisões financeiras compromete os resultados desejado com a renda disponível. Na visão de Braunstein e Welch (2002, p.1):

Participantes informados ajudam a criar um mercado mais competitivo e eficiente. Consumidores conscientes demandam por produtos condizentes com suas necessidades financeiras de curto e longo prazo, exigindo que os provedores financeiros criem produtos com características que melhor correspondam a essas demandas.

Neste contexto, a educação financeira tornou-se uma preocupação em diversos países. Entretanto, há críticas sobre a abrangência dos programas e seus resultados, o que torna imprescindível o desenvolvimento de ações planejadas em relação a educação da população para os investimentos. Para isso, Peretti (2007, p. 1) destaca um dos pilares fundamentais para concretizar a educação financeira “para as pessoas terem uma qualidade de vida melhor é necessário saber gastar, ganhar, poupar, investir e saber doar”.

Este pilar pode ser melhor compreendido quando se observa o momento pandêmico da Covid-19, na pandemia as famílias precisaram administrar a falta de dinheiro em seus

orçamentos, o que ocasionou tensões nos relacionamentos familiares (PERETTI, 2007; CORDEIRO, COSTA e SILVA, 2018).

Neste contexto, a reeducação financeira, a qual se refere as mudanças de hábitos de consumo, destaca a importância de economizar, organizar e planejar um orçamento financeiro, compreendendo e usando a educação financeira ao seu favor, podendo obter resultados que maximizem a renda dos investidores (PERETTI, 2007).

A fim de aperfeiçoar a compreensão desse conceito, a informação, orientação e formação podem desenvolver valores e competências necessárias para que a sociedade e, cada indivíduo, se tornem conscientes das oportunidades e riscos. O planejamento financeiro, tanto para as pessoas físicas quanto para as pessoas jurídicas, necessita de uma estratégia para alcançar os objetivos planejados, estabelecendo, principalmente, um prazo (MELO, 2012).

Assim sendo, a educação financeira somente será possível e atingirá o objetivo de preparar uma população consciente quanto ao uso do dinheiro, caso integre diferentes níveis de ensino, amplie o senso crítico e o planejamento, bem como proporcione o desenvolvimento de competências por meio da educação pública e de qualidade (CARVALHO, SCHOLZ, 2019).

Metodologia

Este estudo tem como objetivo identificar como a educação financeira influencia (ou não) as decisões de um grupo de pessoas em investir ou não. Para responder ao problema proposto foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa. A pesquisa qualitativa é uma abordagem que tem por objetivo analisar e interpretar aspectos e características em mais detalhes (MARCONI; LAKATOS, 2010). Assim, neste tipo de pesquisa deve-se interpretar os acontecimentos e entender as relações existentes entre as ações analisáveis a partir da perspectiva do pesquisador, levando em consideração suas diferentes culturas, valores e crenças (CRESWELL, 2010).

Em relação ao objetivo, esta pesquisa é descritiva, pois trata-se de uma descrição das características de determinada população ou amostra, fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis, a fim de serem analisados os fatos ocorridos (NUNES, NASCIMENTO, ALENCAR, 2016).

Como fonte de coleta de dados optou-se pela elaboração e aplicação de um questionário, o qual ficou disponível para respostas dos meses de junho a agosto e foi enviado por mídias sociais para residentes na cidade de Curitiba/Paraná e que possuem 18 anos ou mais, o intuito foi coletar respostas de forma intencional. O instrumento está exposto conforme Quadro 1.

Quadro 1. Instrumento de coleta de dados

Perfil dos respondentes	
Em que cidade reside? – <i>dissertativa</i> Qual sua idade? - <i>dissertativa</i> Com qual gênero você se identifica? - <i>múltipla escolha</i> Em qual cidade você reside? - <i>dissertativa</i> Qual seu grau de escolaridade? - <i>múltipla escolha</i> No momento você está empregado? - <i>múltipla escolha</i> Em qual área você trabalha? - <i>dissertativa</i> Que cargo você desempenha no emprego onde está? - <i>dissertativa</i> A empresa onde trabalha é de que porte? - <i>múltipla escolha</i> Qual a sua renda média? - <i>múltipla escolha</i>	
Categoria: Decisões de investimentos	Referencial Teórico
Você sabe o que é um investimento? – <i>múltipla escolha</i> Você já investiu em algo? O que? - <i>dissertativa</i> Você possui algum investimento atualmente? Qual (is)? - <i>dissertativa</i> Você destina parte de sua renda mensal para investir? - <i>múltipla escolha</i> Quais fatores te levaram a investir? - <i>dissertativa</i> Você conhece o risco dos investimentos que possui? - <i>múltipla escolha</i> Você conhece a respeito das pirâmides financeiras? O que? – <i>dissertativa</i>	Bergo (2014)
Categoria: Educação	Referencial Teórico
Você cursou sua formação básica (fundamental e médio) em escola pública ou privada? - <i>múltipla escolha</i> Você recebeu alguma instrução financeira (curso, palestra, debates) durante a sua formação básica? - <i>múltipla escolha</i> Exceto no ensino básico, você já fez algum curso ou semelhantes sobre educação financeira ou investimentos? - <i>múltipla escolha</i> Alguém da sua família investe atualmente? - <i>múltipla escolha</i> No nível de ensino atual você recebeu alguma instrução sobre investimentos? – <i>múltipla escolha</i> Você costuma pesquisar conteúdos sobre investimentos nas redes sociais? Quais? – <i>dissertativa</i>	Melo (2012)

Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Para cumprir com o objetivo proposto optou-se pela aplicação de um questionário com 23 perguntas, 13 perguntas foram elaboradas para resposta de múltipla escolha, 10 perguntas dissertativas. A amostra foi composta por acessibilidade, disponível aos respondentes com 18 anos ou mais e residentes na cidade de Curitiba no estado do Paraná.

As perguntas foram criadas com base nas categorias de análise e o referencial teórico utilizado neste estudo. Para analisar os dados coletados foi feita a estatística descritiva dos dados coletados. O objetivo deste tipo de análise é descrever os dados coletados, organizar e reduzir de forma a utilizar os dados para melhor compreensão dos fenômenos observados (SILVA, MENEZES, 2000).

Descrição e Análise Dos Dados

A partir da aplicação do questionário, foram obtidas 117 respostas válidas, as quais possibilitaram elaborar o perfil dos respondentes, conforme exposto na Tabela 1.

Tabela 1 - Faixa etária

	Masculino	%	Feminino	%	Outro	%
Idade 18 a 19	4	5,71%	0	0%	0	0%
Idade 20 a 25	36	51,43%	22	55%	3	42,90%
Idade 26 a 35	19	27,14%	8	20%	2	28,60%
Idade 36 a 50	8	11,43%	10	25%	2	28,60%
Idade > 50 anos	3	4,30%	0	0%	0	0%
Total	70	100%	40	100%	7	100%

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Diante do exposto, a Tabela 1 descreve que 59,83% (70) se identificam como gênero masculino, 34,19% (40) se identificam como gênero feminino e 5,98% (7) identificam-se como não binários ou preferem não mencionar. Destes respondentes, 3,42% (4) possuem entre 18 e 19 anos, 52,14% (61) possuem entre 20 a 25 anos, 24,79% (29) possuem entre 26 a 35 anos, 17,09% (20) possuem entre 36 a 50 anos e 2,56% (3) possuem acima de 50 anos.

A amostra do presente estudo foi composta em sua maioria por respondentes que se identificam do gênero masculino, seguido por respondentes que se identificam como gênero feminino. Parte preponderante da amostra possui de 20 a 25 anos, momento em que os indivíduos ingressam no ensino superior, após concluírem o ensino médio.

Para estabelecer um paralelo entre a escolaridade e a renda média do indivíduo, foram elaboradas 2 questões, conforme exposto na tabela 2.

Tabela 2 - Grau de escolaridade e a renda mensal

	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior	Outros	Total geral	%
Renda média R\$ 0 a 1.000	0	3	3	0	6	5%
Renda média R\$ 1.000 a 2.000	0	12	26	0	38	32%
Renda média R\$ 2.000 a 3.500	2	13	21	0	36	31%
Renda média R\$ 3.500 a 5.000	0	7	14	0	21	18%
Renda média acima de R\$ 5000	0	0	14	2	16	14%
TOTAL	2	35	78	2	117	100%

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Como exposto na Tabela 2, os respondentes que cursaram o ensino fundamental correspondem a 1,71% (2), enquanto o ensino médio corresponde a 29,91% (35), no ensino superior 66,67% (78) e 1,71% não estudaram ou preferiram não informar. Em relação a renda, os respondentes que cursaram até o ensino fundamental possuem uma renda média mensal de R\$2.000,00 a R\$ 3.500,00. Já os respondentes que cursaram até o ensino médio, os percentuais que se destacam são de 34,29% (12) respondentes que possuem renda de R\$ 1.000,00 a R\$ 2.000,00 e 37,14% (13) possuem renda entre R\$ 2.000,00 e R\$ 3.500,00, comportamento semelhante foi encontrada nos respondentes que possuem ensino superior, 33% (26) com renda entre R\$ 1.000,00 e R\$ 2.000,00, enquanto 21,92% (21) possuem renda de R\$ 2.000,00 a R\$ 3.500,00. Por fim, os que preferiram não informar ou não estudaram possuem uma renda acima de R\$ 5.000,00 (2).

Para melhor compreensão do perfil dos respondentes, é possível observar a situação de emprego que apresentam, fator este que é relevante para compreender as decisões de investir ou não. Os dados se encontram na tabela 3.

Tabela 3 - Situação dos respondentes

Código da		Descritivo da Questão							
Q1		No momento você está empregado?							
Q2		Você sabe o que é um investimento?							
Q3		Você destina parte de sua renda mensal para investir?							
Q4		Você conhece o risco dos investimentos que possui?							
Identificação Quantitativo das Respostas									
Masculino	Q1	(%)	Q2	(%)	Q3	(%)	Q4	(%)	
<i>Sim</i>	65	56%	58	50%	25	21%	47	40%	
<i>Não</i>	5	4%	12	10%	44	38%	22	19%	
Total	70	60%							
Feminino									
<i>Sim</i>	37	32%	34	29%	12	10%	20	17%	
<i>Não</i>	3	2%	6	5%	28	24%	20	17%	
Total	40	35%							
Não responderam	7	6%	7	6%	8	7%	8	7%	
Total	11	100	117	100	11	100%	117	100%	

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Os respondentes que se consideram no gênero masculino 92,86% (65) estão empregados, enquanto 7,14% (5) não possuem emprego no momento. Nas respondentes do gênero feminino os percentuais são semelhantes ao masculino, 92,5% (37) estão empregadas enquanto 7,5% (7) não estão trabalhando. Do total de respondentes 7 preferiram não responder. O cenário apresentado na situação de emprego da amostra, corrobora com a renda média possuir o maior percentual nos valores mensais entre R\$ 1.000,00 e R\$ 3.500,00.

A partir do perfil demográfico da amostra, foi possível observar as narrativas a respeito das decisões de investir tomadas pelos respondentes. Inicialmente, foi questionado se os respondentes compreendem o que é um investimento, 78,63% (92) responderam que sim e 15,38% (18) afirmam não saberem a respeito.

Apesar da amostra ser majoritariamente composta por pessoas que afirmam saber o que é um investimento, o cenário brasileiro como um todo é totalmente diferente. O desconhecimento do que é um investimento é uma questão cultural. Segundo um levantamento realizado pela Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima) com o apoio do Datafolha em 2019, a educação financeira no Brasil é bastante precária. A pesquisa nomeada de Raio X do Investidor Brasileiro (2019) mostra que a maior parte da população brasileira economicamente ativa não conhece nenhum investimento e não realiza qualquer tipo de aplicação financeira. Apenas cerca de 23,81% dos brasileiros realizam algum tipo de investimento.

Em relação aos achados deste estudo, embora parte expressiva dos respondentes saiba o que é um investimento, isso não garante que invistam. Por exemplo, dos respondentes deste estudo somente 31 (31,62%) destinam parte da sua renda para investimentos, enquanto 72 (61,54%) não utilizam sua renda para realizar investimentos (Tabela 3). Destes respondentes destaca-se que 87,18% (102) encontram-se empregadas e apenas 6,84% (8) estão desempregadas.

Este contexto é explicado nas condições econômicas e sociais do Brasil, o histórico de taxas de inflação, perda de compra do consumidor, alta do dólar e desvalorização do real, formam uma população que retém a renda que possui para manter as necessidades básicas, especialmente durante a pandemia da covid-19 (TEODORO, 2020; SUMMA, 2016; NIPPES, PAVAN, 2021).

Outro fato que explica poucos respondentes investirem está nos riscos associados aos investimentos, 57,26% (67) conhecem os riscos, enquanto 35,90% (42) não possuem

conhecimento a respeito dos riscos em investir. A amostra do presente estudo demonstra frequência maior em relação ao conhecimento do risco do investimento o que pode explicar não investirem, pois, todo investimento possui um menor ou maior grau de risco, contudo, optam por investimentos que lhe oferecem maior segurança quanto ao seu retorno e, por vezes, não investem (FIORI ET AL., 2017; PAIVA ET AL., 2020).

O desconhecimento dos investimentos e a possibilidade de riscos, vai ao encontro do perfil do conservador do investidor brasileiro. Paiva et al (2020) destaca que a contemporaneidade desenvolveu a dificuldade de poupar do povo brasileiro. Todavia, os que optam por poupar buscam investimentos que lhe dão mais previsibilidade e segurança quanto aos seus retornos, demonstrando um perfil conservador.

Neste contexto, existe um direcionamento atrelado ao perfil dos respondentes, conforme exposto na Tabela 4.

Tabela 4 - Direcionamento para os investimentos

Código da questão		Descritivo da Questão				
Q1		Você já investiu em algo?				
Q2		Você conhece a respeito das pirâmides financeiras?				
Q3		Você costuma pesquisar conteúdos sobre investimentos nas redes sociais?				
Identificação Quantitativo das Respostas						
	Q1	(%)	Q2	(%)	Q3	(%)
<i>Sim</i>	60	51%	42	36%	48	41%
<i>Não</i>	56	48%	74	63%	61	52%
<i>Outros</i>	1	1%	1	1%	8	7%
Total	117	100%				

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

De acordo com os respondentes 4,51% já investiram em alguma modalidade de investimento, enquanto 48% nunca investiram. Esse perfil corrobora com o conhecimento do risco associado ao investimento e a decisão de não destinar parte da renda para investimentos. A conjuntura social e econômica do Brasil leva a população a não realizar investimentos, associado a ausência do conhecimento sobre o assunto e o conceito de rentabilidade, parte considerável da população opta por não investir (PAIVA ET AL., 2020).

Para os respondentes que já investiram foi questionado que tipos de investimentos realizaram, 70% da amostra afirmou ter investido em renda fixa, principalmente investimentos

relacionados a poupança, CDBs e Tesouro Direto. Em contrapartida 30% dos respondentes afirma ter investido em renda variável, por exemplo, ações, fundos imobiliários e criptomoedas.

A aplicação mais tradicional presente no Brasil é na poupança, pois oferece um baixo risco, bem como é conhecido por grande parte da população. A renda fixa tem a garantia de oferecer uma aplicação com rentabilidade menor, mas com um risco bem reduzido. Ativos de renda fixa são aqueles que o investidor já sabe qual será o seu retorno, devido a remuneração dimensionada no momento da aplicação, esses investimentos são avaliados pelo valor nominal ou pela variação de um indexador (AZEVEDO, 2005; ALMEIDA, CUNHA, 2017).

Outros critérios podem ser adotados para a diversificação dos títulos de renda fixa: tipo de emissor, forma de rentabilidade, seu prazo, valor mínimo de investimento inicial. Esse comportamento voltado a renda fixa fortalece o perfil conservador e averso ao risco. Esse comportamento é fortalecido pelo desconhecimento das possibilidades de investir, acarretando em valores guardados nas contas bancárias e em alguns casos na poupança. Esse perfil fortalece a busca por segurança, sacrificando a rentabilidade (Fiori, et al., 2017; Paiva, et al., 2020).

Já a renda variável representa uma aplicação de maior risco, mas possibilita uma rentabilidade maior quando comparada a renda fixa. Contudo, a renda variável não permite a previsibilidade do retorno sobre o investimento, pois depende da dinâmica do mercado para valorização dos ativos, tal argumento é contrário ao comportamento conservador do investidor brasileiro (ALMEIDA, CUNHA, 2017; PAIVA ET AL., 2020).

Um ponto a ser destacado nos respondentes que responderam “sim” à pergunta sobre os investimentos que já realizaram, houve menção as pirâmides financeiras e até mesmo apostas esportivas. As pirâmides constituem uma modalidade não regulamentada e não está relacionada a jogos de azar. Investimentos que promovem altos retornos e riscos baixos, acabam atraindo a atenção da maioria das pessoas, porém essas promessas camuflam altos possuem riscos que podem caracterizar crimes contra a economia popular (BERGO, 2014).

As pirâmides tem sido divulgadas como investimentos e ganham notoriedade com casos conhecidos e divulgados na mídia, por exemplo a empresa TelexFree. Conforme exposto na Tabela 4, o percentual de 63% dos respondentes não investe e não conhece nada relacionado a pirâmides financeiras, enquanto 36% conhecem ou já ouviram falar sobre pirâmides financeiras.

Parte expressiva dos respondentes, cerca de 52%, não costumam pesquisar conteúdos sobre investimentos, 41% realizam pesquisas a respeito. Quando questionados a respeito dos

locais em que realizam tais pesquisas, os respondentes afirmam que grande parte dos conteúdos estão nas plataformas do *instagram*, *youtube*, *facebook* e outras redes sociais como o *twitter*.

Em suma, é possível destacar que parte dos respondentes estão empregados, bem como conhecem o que é um investimento, contudo, não investem. A educação financeira não corresponde somente aos cursos no ensino superior, mas qualquer estratégia de ensino que possua conhecimentos sobre o assunto.

Um indício da ausência de estudos é a quantidade dos respondentes que pesquisam sobre investimentos, o percentual de pessoas que não realizam este tipo de pesquisa é maior. A ausência de conhecimentos científicos e práticos, bem como a busca de oportunidades para gerar fortunas, direcionam os indivíduos a buscar investimentos que prometem um rápido retorno e valores elevados. O esquema de pirâmides é ofertado nessas condições, uma vez, que oferecem retornos altos e baixo risco (FRANKEL, 2012).

A busca por dinheiro que seja rapidamente entregue e de fácil aquisição, somado as assimetrias deixadas pela educação financeira que leva ao desconhecimento dos investimentos, acarreta em investidores que não tomam decisões assertivas. Outros fatores como o custo de vida aumentando, desemprego, instabilidade política e a inflação em alta, em especial no contexto da pandemia da covid-19, afeta diretamente esses respondentes e suas decisões de investimentos.

Considerações Finais

O artigo buscou identificar como a educação financeira influencia (ou não) as decisões de um grupo de pessoas em investir ou não. Para tanto, foi aplicado um questionário (*online*), divulgado nas redes sociais para pessoas que possuem acima de 18 anos de idade.

A maioria dos respondentes que integram a amostra do estudo apresentam algum tipo de conhecimento sobre investimentos, mencionando os riscos que seus investimentos possuem. Contudo, parte da amostra demonstra não ter conhecimento, não investir e não realizar pesquisas a respeito. A busca por aumentar o patrimônio, bem como conseguir dinheiro de forma rápida e com poucas formalidades, faz com que os indivíduos sejam apresentados a fraudes, mascaradas de investimentos. Pirâmides financeiras são uma das principais ferramentas em que esses investidores sem conhecimento escolhem ou busquem investimentos que lhe dão previsibilidade dos possíveis ganhos (KOTZ, 2014).

O Desconhecimento sobre os investimentos é uma questão cultural da população brasileira, ampliando cada vez mais os índices de incidência de pirâmides financeiras. A CVM

(Comissão de Valores Mobiliários) demonstra em seu Relatório de Atividade Sancionadora Anual de 2020 que há um crescimento de 76% de comunicados de indícios de crimes financeiros. Por isso, o desconhecimento só amplia esses índices e traz à tona a importância da implementação da educação financeira nas instituições de ensino.

Portanto, o desconhecimento gerado pela ausência da educação financeira leva os indivíduos a fazerem investimentos fraudulentos, sendo principalmente pelo fato de apresentarem o esquema como um investimento seguro com baixo risco e com altos retornos. Esses crimes não são muito reconhecidos como apresentado por este artigo, e o estudo sobre tal assunto se faz de grande importância para a segurança e perenidade nos investimentos das pessoas. Ademais, ao escolherem não investir é possível afirmar que os respondentes deste estudo se sentem desencorajados a investir, o que pode ser justificado pela ausência de conhecimento aprofundado a respeito.

Este estudo contribui para ampliar as discussões a respeito da administração financeira e a necessidade da educação financeira. A educação é um caminho para que a população brasileira se torne consciente das finanças pessoais. Ademais, aponta-se para a necessidade de ampliar os mecanismos de controle desses investimentos por parte dos órgãos de controle, bem como a disponibilidade de conhecimento sobre investimentos voltados aos mais diversos níveis de instrução.

Como sugestões de pesquisas futuras sugere-se analisar a educação financeira e outros tipos de investimentos que caracterizam um crime contra a economia popular, bem como analisar essa relação em diferentes contextos, como países desenvolvidos, subdesenvolvidos e em desenvolvimento.

Referências

ANDRADE, M. D. **Tratamento jurídico das criptomoedas: a dinâmica dos bitcoins e o crime de lavagem de dinheiro**. Revista Brasileira de Políticas Públicas, v. 7, n. 3, p. 43-59. 2017.

ARAÚJO, B.; FRANCISCO, M.; PADILHA, F.; MECI, R. **Educação Financeira**. Revista Científica. v. 1, n. 1, p. 1-15. 2018. Disponível em <<http://revistas.unilago.edu.br/index.php/revista-cientifica/article/view/97>> Acesso em 20 de dezembro de 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIRO E DE CAPITAIS (AMBIMA). **Raio X do investidor 2020**. 2020. Disponível em <https://www.ambima.com.br/pt_br/especial/raio-x-do-investidor-2020.htm> Acesso em 8 de fevereiro de 2022.

BERGO, T. R.; HARO, G. P. B. (2014). **Conceituação de pirâmide financeira e suas diferenças em relação a marketing multinível**. *Etic-Encontro de Iniciação Científica*, v. 10, n. 10, 2014. Disponível em <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/4402>> Acesso em 20 de dezembro de 2021.

BERGO, T. R. **Considerações acerca de pirâmide financeira sob o enfoque do direito penal econômico**. v. 28, n. 28, 78 pp. 2014. Monografia (Graduação), Centro Universitário Antônio Eufrásio de Toledo, Presidente Prudente, São Paulo. 2014.

CARVALHO, L. A.; SCHOLZ, R. H. “**Se vê o básico do básico, quando a turma rende**”: **cenário da educação financeira no cotidiano escolar**. *Revista Brasileira de Gestão e Inovação (Brazilian Journal of Management & Innovation)*, v. 6, n. 2, p. 102-125. 2018. Doi: <https://10.18226/23190639.v6n2.05e>

COMISSÃO DE VALORES IMOBILIÁRIOS (CVM). (2021). **CVM identifica 325 indícios de crime em 2020**. Ministério da Economia. 2021. Disponível em <https://www.gov.br/cvm/pt-br/assuntos/noticias/cvm-identifica-325-indicios-de-crime-em-2020>> Acesso em 20 de março de 2022.

CORDEIRO, N. J. N.; COSTA, M. G. V.; DA SILVA, M. N. (2018). **Educação Financeira no Brasil: uma perspectiva panorâmica**. *Ensino da Matemática em Debate*, v. 5, n. 1, p. 69-84. 2018. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/emd/article/view/36841>> Acesso em 12 de dezembro de 2021.

COSTA, C. M.; MIRANDA, C. J. (2013). **Educação Financeira e taxa de poupança no Brasil**. *Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade*, v. 3, n. 3, p. 57-74. 2013. Disponível em <http://www.atena.org.br/revista/ojs-2.2.3-08/index.php/RGFC/article/viewFile/2160/1899>> Acesso em 21 de maio de 2022.

COSTA, L.A. **O sistema de marketing de rede: uma estratégia de ação mercadológica**. 2001. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. 2001.

CRES, F. **Esquema Ponzi: como tirar dinheiro dos incautos**. ArmadaPress. [eBook]. 2014.

ESTEVES, L.A. **Incompatibilidade à escolaridade-ocupação e salários: evidências de uma empresa industrial brasileira**. *Revista Brasileira de Economia*, v. 63 n. 2, p. 77-90. 2009. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0034-71402009000200001>

FERREIRA, J. C. (2017). **A importância da educação financeira pessoal para a qualidade de vida**. *Caderno de Administração*, v. 11, n. 1, p 1-17. 2017. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/caadm/article/view/33268/25017>> Acesso em 2 de março de 2022.

FIORI, D. D.; MAFRA, R. Z.; FERNANDES, T. A.; BARBOSA FILHO, J.; NASCIMENTO, L. R. C. **O efeito da educação financeira sobre a relação entre adimplência e trabalhadores na cidade de Manaus**. *SINERGIA-Revista do Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis*, v. 21, n. 2, p. 31-46. 2017. Doi: <https://doi.org/10.17648/sinergia-2236-7608-v21n2-7215>

KAEFER, P. R.; PUHL, E. **Pirâmide financeira e marketing multinível: identificação, diferenças e crimes correlatos.** Academia De Direito, v. 3, p. 567–585. 2021. <https://doi.org/10.24302/acaddir.v3.3190>

KOTZ, H. D. **Porque os esquemas de Ponzi funcionam e como se proteger contra a fraude.** 2014.[eBook].

LELIS, M. G. **Educação financeira e empreendedorismo.** Viçosa: Centro de Produções Técnicas. 2006.

MEDEIROS, C. D. L. G. **Educação financeira: O complemento indispensável ao empreendedorismo.** Campina Grande: Universidade Federal de Campinas. 2003.

MELO, D. **Network Marketing: O Negócio do Século XXI.** Rio de Janeiro: Alta Books Editora. 2014.

NIPPES, G. J.; PAVAN, M. **Pandemia e Inflação: o Brasil do " Bolsocaro".** Revista Pet Economia UFES, v. 2, n. 1, p. 23-27. 2021. Disponível em <<https://periodicos.ufes.br/peteconomia/article/view/36434/23871>> Acesso em 2 de junho de 2022.

NUNES, G. C., NASCIMENTO, M. C. D.; DE ALENCAR, M. A. C. **Pesquisa científica: conceitos básicos.** Id onLine Revista de Psicologia, v. 10, n. 29, p. 144-151. 2016. Doi: <https://doi.org/10.14295/idonline.v10i1.390>

PAIVA, R. T.; SILVA, H. A.; SOUZA, J. C. M.; NOVÔA, N. F.; PEREIRA, C. M. M. DE A. **O perfil do investidor individual no mercado financeiro.** Revista Vianna Sapiens, v. 11, n. 2, p. 48 - 77. 2020. Doi: <https://doi.org/10.31994/rvs.v11i2.694>

RIBEIRO, M. G. **Desigualdades de renda: a escolaridade em questão.** Educação & Sociedade, v. 38, p. 169-188. 2016. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/es/a/sjkzsgcHknphJVhbkny4qx/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 22 de abril de 2022.

SANTOS, V. B.; SPERS, V. R. E.; CREMONEZI, G. O. G. **As Diferenças entre Marketing Multinível e as Pirâmides Financeiras ou “Esquema de Pirâmides”.** Revista Brasileira de Marketing, v. 16, n. 2, p. 243-251. 2017. Doi: <https://doi.org/10.5585/remark.v16i2.3579>

SARAIVA, K. S. **Os sujeitos endividados e a Educação Financeira.** Educar em Revista, n. 66, p. 157-173. 2017. Doi: <https://10.1590/0104-4060.53867>

SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. D. A. **Paradigmas da educação financeira no Brasil.** Revista de Administração pública, v. 41, p. 1121-1141. 2007.

SILVA, A. F. F. **Educação financeira: presença no meio social e necessidade de inclusão escolar.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. V. 08, p. 55-65. 2021. Disponível em <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/necessidade-de-inclusao>>. Acesso em 12 de maio de 2022.

SOUZA, M. C. S. (2017). **Marketing de rede: uma oportunidade de negócio.** Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.

SUMMA, R. D. F. **Uma nota sobre a relação entre salário mínimo e inflação no Brasil a partir de um modelo de inflação de custo e conflito distributivo.** Economia e Sociedade, v. 25, n. 3, p. 733-756. 2016.

TEODORO, L. C. A. **Ideário neoliberal e as fragilidades das políticas públicas: a incapacidade do governo brasileiro de enfrentar da pandemia do covid-19.** v. 1, n.1, p. 6-37. 2020. Disponível em <https://revistaergaomnes.com.br/assets/pdf/1_TEODORO.pdf>. Acesso em 05 de junho de 2022.

TORRES, J. K. M. (2019). **Esquema pirâmide: um crime sofisticado.** Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Campina Grande, Sousa, PB, Brasil.

VALENTIN, R. G.; SANCHES, A. C. L. **Investimentos em renda fixa e a relação com os índices de inflação. Diversità.** Revista Multidisciplinar do Centro Universitário Cidade Verde, v. 6, n. 1, p. 18-29. 2020. Disponível em <<https://revista.unifcv.edu.br/index.php/revistapos/article/view/312/236>>. Acesso em 10 de maio de 2022.

VEIGA, D. S. (2014). **Pirâmide: identificação e problematização.** Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil.

VIEIRA, K. M.; MOREIRA, F. D. J.; POTRICH, A. C. G. (2019). **Indicador de educação financeira: proposição de um instrumento a partir da teoria da resposta ao item.** Educação & Sociedade, v. 40, p. 1 – 33. 2019.